

## CONTO E RECONTO: A PARÁFRASE EM SALA DE AULA

Paula Junqueira de Borba<sup>1</sup>

Sabrina Rosa Barreto<sup>2</sup>

Onici Claro Flôres<sup>3</sup>

### RESUMO

Originária do latim *paraphrāsis* (cujo termo significa “a repetição de uma sentença”), a paráfrase constitui-se na recriação textual, tendo como suporte um texto-fonte, que recebe uma nova “aparência” dentro do discurso – embora ele mantenha a sua ideia inicial. Por meio deste artigo, apresentamos os resultados da pesquisa intitulada *Leitura: o papel heurístico da paráfrase*, desenvolvida entre acadêmicos do curso de Letras da UNISC nos anos de 2013 e 2014, com grupos de alunos iniciantes e finalistas do curso. Foram selecionados três textos de gêneros distintos (jornalístico, acadêmico e literário) para as leituras e posterior produção de paráfrases. As análises realizadas pelas alunas bolsistas embasaram-se nas propostas teóricas de Benveniste (categoria discurso x história), Bakhtin (polifonia x intertextualidade), Ducrot (as vozes textuais) e de Weinrich (o papel enunciativo dos tempos verbais); e ao final do estudo apontaram a importância da leitura e reprodução no processo para a reformulação do conhecimento. Apesar de as amostras encontradas apontarem grande quantidade de cópias e simples reproduções literais do material trabalhado, é inegável o papel da atividade de parafrasear para o desenvolvimento linguístico e cognitivo do aluno.

**Palavras-chave:** Linguística. Paráfrase. Leitura. Reprodução. Reformulação.

### ABSTRACT

Originally from the Latin word *paraphrāsis* (meaning “repeating a sentence”), the paraphrase constitutes the textual recreation, supported by a text-source, receiving a new “look” inside the speech – although it should keep the original idea. With this article, we will present the results of the research entitled *Reading: the heuristic role of paraphrase*, developed among students from the Language Course at UNISC during the years 2013 and 2014, with groups of beginners and veterans of the course. Three kind of different genres (journalistic, academic and literary) were selected for the readings and then the production of the paraphrases. The analysis made by the scholars students were based on the theoretical propositions of Benveniste (category of speech x history), Bakhtin (polyphony x intertextuality), Ducrot (textual voices) and Weinrich (the enunciative role of the verb tenses); and at the end of the study they showed the importance of reading and reproduction in the process of reformulation of knowledge. Even though the samples showed a considerably quantity of copies and reproductions from the papers that they have seen, the role of paraphrasing it’s undeniable to the linguistic and cognitive development of the student.

**Keywords:** Linguistics. Paraphrase. Reading. Reproduction. Reformulation.

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul. <jnqr.brb@hotmail.com>

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul. <sabrinabarreto85@yahoo.com.br>

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul. <oflores@unisc.br>

## 1 INTRODUÇÃO

A necessidade de (re)tomar o que nosso interlocutor disse ou escreveu sempre fez parte das práticas linguísticas humanas. A construção de novos conhecimentos está diretamente relacionada à repetição e à retomada de conteúdos já vistos, lidos ou ouvidos – afinal, só é possível desenvolver uma ideia a partir de algo já existente. Repetir, então, é uma atividade sociocognitiva bastante comum, tanto no cotidiano acadêmico propriamente dito quanto no escolar.

Com origem no latim *para-phrasis*, paráfrase significa “continuação ou repetição de uma sentença”, ou seja, ela é “a reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita. Uma paráfrase pode ser uma afirmação geral da ideia de uma obra como esclarecimento de uma passagem difícil” (SANT’ANNA, 2007, p. 17). Marcuschi define a leitura parafrástica como “uma espécie de repetição com outras palavras em que podemos deixar algo de lado, selecionar o que dizer e escolher o léxico que nos interessa” (MARCUSCHI, 1996, p. 75). Essas duas citações são um indicador de como a paráfrase é vista – horizonte mínimo de compreensão –, limite a partir do qual o conhecimento pode evoluir.

Para algumas pessoas, parafrasear consiste em transcrever as ideias centrais de um texto com novas palavras. Para tanto, o leitor deverá fazer uma leitura cuidadosa e atenta e, a partir daí, reafirmar e/ou esclarecer o tema central do texto apresentado, acrescentando aspectos relevantes de uma opinião pessoal ou acercando-se do texto lido através de críticas bem fundamentadas. Portanto, a paráfrase repousa sobre o texto-base, condensando-o de maneira direta e imperativa, fazendo com que o termo seja considerado equivalente ao significado de “resumo”. Ambos os gêneros implicam reproduzir. Sendo assim, o objetivo da produção é o de transformar um texto, não propriamente o de criá-lo. O parafraseador almeja compor uma paráfrase que tenha sentido equivalente ao do texto que leu.

Mas então a paráfrase é uma mera cópia? O presente estudo pretende verificar o processo criativo na construção da paráfrase, mostrando que, mais do que simples imitação, ela se constitui em criação. Com isso, poderemos então responder a pergunta: a paráfrase é um discurso sem voz ou é um processo de construção criativa que dá origem a um novo discurso?

Acreditamos que a paráfrase seja um novo discurso que exige do seu produtor criatividade e trabalho, embora carregue a mesma perspectiva do texto que a precede e sustenta.

O conceito ressurgiu em meio a grandes transformações nos estudos da linguagem e testemunhou o surgimento de novas formas de entender o assunto. Entre resumir e parafrasear, o termo parafrasear é mais versátil, menos preso a uma concepção de linguagem cerceadora, estática.

No âmbito da leitura, uma atividade comum realizada desde o Ensino Fundamental prevendo a repetição de algo já lido, é a solicitação da produção de uma paráfrase. Dado um texto aos alunos, é pedido que eles recontem com suas próprias palavras – mas sem fugir do conteúdo presente no material lido –, as informações transmitidas anteriormente. Este tipo de atividade provoca a participação do aluno no conteúdo que está sendo trabalhado, pois, sem esta retomada, o que ocorre é uma leitura mecânica cujo teor não é realmente absorvido e internalizado, mas simplesmente repetido e logo esquecido.

Oralmente, a produção de paráfrases vem sendo exercida desde o início dos tempos. Mesmo antes do surgimento da escrita, as histórias eram repassadas informalmente, sendo de responsabilidade dos interlocutores o comprometimento em se manter fiel à ideia original, mas optando sobre como se utilizar da linguagem. Inclusive no nosso dia a dia, ao recontarmos uma notícia ouvida ou lida, ou um fato vivenciado, estamos constantemente praticando a transmissão da ideia de um texto original com nossas próprias palavras. Sendo assim, a paráfrase desempenha o papel de marco divisor entre as ideias do leitor e o conteúdo expresso originalmente pelo texto. É neste processo que se cria o afastamento necessário da forma linguística, permitindo uma separação do que se entende por texto e significado, bem como a introdução de associações e hipóteses.

Como resultado, a nova produção tanto pode repetir um conteúdo sem introduzir nada novo quanto acrescentar novas informações, já que as áreas de conhecimentos linguístico, enciclopédico e interacional do leitor podem determinar a inclusão de conteúdos não existentes no texto lido – enriquecendo-o ou desviando-o completamente do intento inicial.

## **2 O PAPEL DO LEITOR**

Para Sant’Anna, “a paráfrase é um discurso sem voz, pois quem está falando está falando o que o outro já disse. É uma máscara que se identifica totalmente com a voz que fala atrás de si” (SANT’ANNA, 2007, p. 29).

Em outro momento, Sant’Anna afirma que na paráfrase “ocorre um jogo de diferenciação em relação ao texto original, sem que, contudo, haja traição ao seu significado” (SANT’ANNA, 2007, p. 24). Importa ressaltar que, mesmo que o texto parafraseado não traia o texto anterior, o novo texto produzido não é a reprodução fiel do texto ao qual ele se refere, pois o contexto de produção é outro, assim como o sujeito produtor também é outro. Esse sujeito produtor deixa suas marcas no texto parafraseado, diferenciando-o do texto que serviu como base, portanto, “falar de paráfrase é falar de intertextualidade das semelhanças” (SANT’ANNA, 2007, p. 28).

Bakhtin fomenta a discussão ao afirmar que não existe discurso que tenha partido do nada. Sua definição revela que todo discurso é resposta ao outro anteriormente produzido, seja oral ou escrito. Ainda segundo o autor, “cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a posição do locutor, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva” (BAKHTIN, 2000, p. 294). Assim, um texto sempre nasce a partir de outro texto, sendo a paráfrase um exemplo desse diálogo entre textos sobre o qual o autor refere-se.

De acordo com Fuchs, o conceito de paráfrase ressurge em meados dos anos 60. Graças ao ressurgimento de pesquisas realizadas nesse período, foi notada uma maior presença ao tratamento automático dos textos, do estudo sistemático das relações entre as frases e da maior preocupação das investigações linguísticas com a significação. Para ela, a paráfrase é:

[...] uma noção difícil de precisar, tanto na teoria quanto na prática: ela pode de fato ser objeto de uma série de caracterizações opostas: i- é um dado imediato da consciência dos locutores, mas é também o produto das construções teóricas linguísticas; ii - é uma atividade linguística dos sujeitos; iii é uma relação entre um enunciado ou texto-fonte e suas(s) reformulação(ões) efetiva(s) numa situação dada, mas é também uma relação entre todos os enunciados virtualmente equivalentes na língua. (FUCHS, 1985, p.129)

Segundo essa autora, as abordagens teóricas que se propuseram a analisar a paráfrase foram: 1) a lógica (equivalência formal); 2) a gramatical (sinonímia) e 3) a retórica (reformulação).

A perspectiva lógica postula que duas proposições são equivalentes, *se e somente se* tiverem o mesmo valor de verdade. Contudo, como bem o sabemos, a noção de valor de verdade não é de fácil aplicação aos enunciados linguísticos. No que diz respeito ao ponto de vista gramatical, a equivalência de sentido se refere às relações entre tipos frasais (frases ativas versus passivas), o que implica considerar as operações de derivação transformacional ou até mesmo as

palavras e suas relações de sentido. Por fim, a autora sugere que a abordagem retórica discute a paráfrase no plano do discurso, “como uma atividade efetiva de reformulação pela qual o locutor restaura (bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não) o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-segundo” (FUCHS, 1985, p. 130).

Fuchs busca no seu trabalho registrar as possibilidades de manifestações parafrásticas que também levem em conta os fatores não linguísticos, aqueles constituídos pelas relações biossociais. Isto é, a paráfrase se manifesta não apenas pela estrutura linguística, mas também pressupõe a situação em que os participantes se envolvem: o locutor com sua intenção e o alocutário com sua recepção/ interpretação.

A paráfrase pode também ser entendida como sinonímia de palavras e frases, sendo então considerada a partir de uma relação de identidade verdadeira de sentido ou proximidade semântica.

Pode-se constatar que a função primeira e imediata da paráfrase é a reformulação textual e, para atender a esse objetivo, as parafrases distinguem-se de seus enunciados de origem por apresentarem variações sintáticas, lexicais, fonéticas ou suprasegmentais, nas quais se identifica o caráter reformulador dessas atividades.

Para este estudo, contudo, consideramos o processo de reconstituição textual propiciado pela produção parafrástica em termos linguístico-cognitivos, pois essa reformulação manipula a língua (princípios de funcionamento), incorporando, dessa forma, princípios cognitivos, pois não existe, efetivamente, independência total da linguagem em relação à cognição.

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

O estudo aqui apresentado foi realizado pelo grupo de pesquisa em Linguagem e Cognição do Mestrado em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), no projeto *Leitura: o papel heurístico da paráfrase*. Dividindo-se em três fases distintas, a pesquisa foi iniciada no segundo semestre do ano de 2013 (do mês de agosto ao mês de dezembro) com a primeira turma de alunos concluintes. Do mesmo modo, a experiência foi realizada no primeiro semestre de 2014 (de fevereiro a julho), desta vez com a segunda turma de iniciantes do curso de Letras.

Primeiramente, a professora orientadora e as alunas bolsistas fizeram a seleção dos textos a serem trabalhados com a turma daquele semestre, assim como a leitura dos teóricos a respeito do tema do projeto. Essa primeira etapa contou com um tipo de pesquisa exploratório.

Ao iniciarmos o trabalho de pesquisa, foram necessárias diversas leituras referentes ao tema 'paráfrase' e aos mecanismos envolvidos no processo de reconto, a fim de nos familiarizarmos com o assunto para termos maior propriedade ao lidar com ele. Para tanto, foram utilizados livros como *Paródia, paráfrase & cia.*, de Affonso Romano de Sant'Anna; *Problemas de linguística geral*, de Émile Benveniste; *Marxismo e filosofia de linguagem*, de Mikhail Bakhtin; *O dizer e o dito*, de Oswald Ducrot e *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*, de Harald Weinrich – sem contar a leitura do artigo *A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação?*, de Catherine Fuchs. Por último, para um maior entendimento da participação da memória humana no processo parafrástico, lemos ainda o livro *Desvendando os segredos do texto*, de Ingedore Koch.

Em seguida, ao serem trabalhados os textos com os alunos concluintes em sala de aula (com a leitura, discussão e a respectiva produção de paráfrases), foi empregada uma proposta empírica.

Dos textos trabalhados com os alunos, os artigos científicos selecionados foram: *A construção de conhecimentos na formação do profissional de Letras*, da estudante mineira Karine Correia dos Santos de Oliveira e *Linguística e teoria da literatura: uma interface possível*, de Maria Tereza Amodeo e Vera Wannmacher Pereira. Quanto ao gênero crônica, o primeiro utilizado foi *Comunicação*, de Luis Fernando Verissimo; sendo apresentado para a turma seguinte outro texto da mesma autoria, intitulado *Vocações*. Por fim, o material escolhido para o gênero literário foi *Entrevista*, de Luis Fernando Verissimo e *A troca e a tarefa*, de Lygia Bojunga.

Após a seleção bibliográfica, foi feito o crivo dessas discussões (através da transcrição do áudio das filmagens feitas em sala de aula), assim como da coleta de dados presentes nas paráfrases produzidas pelos alunos, através de um levantamento quantitativo. Os textos dos alunos iniciantes e concluintes foram divididos de acordo com os critérios de análise preestabelecidos pela professora orientadora, considerando-se, na coleta de dados final, os números (percentual) encontrados.

As análises das paráfrases produzidas pelos estudantes atentaram para os três seguintes critérios:

1. Atitude do falante – Relativa ao discurso, esta categoria abrange as subcategorias da reprodução, reformulação e pertinência, tratando também da posição que o sujeito assumia diante de sua escrita, ao se aproximar do texto criado ou dele se afastar, “escondendo” sua fala na fala do autor do original.

2. Função enunciativa dos tempos verbais – Relativa aos conceitos de “discurso” e “história” trabalhados por Émile Benveniste e de “mundo narrado” (utilizando verbos no pretérito perfeito simples, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro do pretérito) e de “mundo comentado” (verbos no presente do indicativo, pretérito perfeito composto e futuro do presente simples) de Harald Weinrich.

3. Polifonia – Relativa à análise das vozes presentes no texto, dando destaque à heterogeneidade constitutiva.

Cada um dos critérios foi ainda dividido em subcategorias também avaliadas na análise, considerando-se as diferenças entre os gêneros textuais (crônica, texto literário e artigo científico) trabalhados em cada turma.

## **4 RESULTADOS**

### **4.1 Turma de iniciantes**

Nas quatorze paráfrases produzidas pelos estudantes iniciantes, foi observado que os participantes reproduziram a voz do autor através da confirmação do que foi dito sem, no entanto, se apropriarem do discurso, denotando afastamento quanto ao texto. 42,8% dos estudantes apresentaram um jogo de aproximação e afastamento dentro da mesma produção parafrástica e em mais de um gênero, mostrando insegurança em sua escrita, pois ora assumiam seu papel enunciativo, ora delegavam a responsabilidade do texto ao autor do texto original.

No gênero crônica, foi encontrado um caso de experiência pessoal relacionado com a temática comunicação, utilizando a primeira pessoa e verbos pertencentes ao pretérito perfeito simples.

Outro ponto que chamou a nossa atenção foi a presença (oito entre quatorze textos) de cópias nas paráfrases do artigo científico. Por se tratar de um texto com termos técnicos, alguns

alunos não compreenderam o real sentido pretendido ou se sentiram inseguros para tomarem voz própria, servindo-se então da cópia como instrumento facilitador na criação das paráfrases.

Dentro da categoria reformulação, por intermédio das paráfrases produzidas pelos alunos iniciantes, foi percebida uma pequena porcentagem das subcategorias.

Duas alterações de enredo foram realizadas na produção textual de dois gêneros (artigo científico e texto literário), talvez decorrentes da falta de atenção/concentração na leitura por parte dos alunos iniciantes.

A categoria de introdução de elementos linguísticos novos foi a que teve o maior índice, estando presente, em média, em seis dentre quatorze textos (números encontrados nas paráfrases de crônicas e textos literários, com apenas dois casos nos artigos científicos). Esta introdução de elementos/opiniões mostrou-se interessante, pois foi possível acompanhar o raciocínio dos participantes em suas tentativas de preenchimento dos implícitos textuais.

Nenhum caso de delimitação, contraposição de argumentos, composição em níveis mais altos ou generalização foi encontrado. De um modo geral, todos os alunos mantiveram-se exclusivamente presos ao conteúdo do texto.

Houve uma problematização no texto literário em que, após confirmar o conteúdo do texto, o participante levantou algumas questões a respeito do tema, mas concluiu sua produção, sem respondê-las.

E ainda houve três casos de reestruturações em paráfrases de dois participantes (uma no reconto do artigo científico e duas no gênero literário), em que a ordem de alguns elementos dos textos foi alterada pelos alunos.

Com exceção de uma produção parafrástica sobre o artigo científico, onde o participante alterou a conclusão da pesquisa por inadequação interpretativa, todas as paráfrases apresentaram pertinência quanto aos temas abordados.

Foi percebida uma maior incidência de mundo narrado no gênero literário (em dez textos) – compatível com o texto original, em que o narrador-protagonista fala no presente, porém se referindo a um fato ocorrido em um momento anterior à narração. Por outro lado, o mundo comentado teve alto número de incidências, nas paráfrases do gênero crônica (doze casos, entre quatorze paráfrases, no total). Sendo o texto original escrito inteiramente em forma de diálogo, o considerável número de verbos usados no tempo presente revela uma identificação dos



alunos com os acontecimentos narrados, dando a impressão de que eles se inseriram na história no momento em que a leram.

Na turma de iniciantes, os alunos fizeram citação indireta nas produções parafrásticas do gênero artigo científico; além de nove alunos terem-na utilizado, no gênero crônica, e sete no texto literário. Foram registradas duas ocorrências de citação direta - na crônica e no artigo científico. Com relação à heterogeneidade mostrada, o uso de aspas como forma de intertextualidade se fez presente em maior quantidade no gênero literário – nove dentre as quatorze paráfrases. Já o uso de aspas para dar ênfase manteve-se igual, praticamente em todos os gêneros textuais – em média, três.

#### **4.2 Turma de concluintes**

Os artigos científicos apresentaram maior número (sete entre oito textos) de confirmação, situação em que os participantes relataram o material lido de forma a não fazer uso de cópia – porém, sem acrescentar novos elementos. De fato, foram realizadas cópias de trechos em apenas cinco paráfrases (três na crônica, e duas em artigos científicos).

Houve casos de reprodução em praticamente todas as paráfrases, de todos os gêneros textuais. Casos de repetição mostraram-se mais presentes nos textos literários (cinco entre oito textos), quando os participantes se limitaram a repetir as palavras do autor, porém mantendo ainda um afastamento do personagem ao passarem a voz da primeira para a terceira pessoa.

No gênero crônica, somente em um relato de experiência pessoal observou-se que o aluno se ateu ao tema abordado pelo texto original, apenas exemplificando com sua própria experiência profissional.

Os participantes mantiveram-se afastados na maioria de suas paráfrases, havendo dois casos de aproximação no gênero crônica (um destes, consequência do relato de experiência pessoal), e quatro ocorrências de aproximação/afastamento (no uso de verbos conjugados na terceira pessoa do plural, juntamente com a segunda pessoa do singular) nas crônicas e artigos científicos.

Com relação aos alunos concluintes, foi notado que a subcategoria de reformulação teve uma porcentagem maior do que entre os iniciantes, considerando-se que o número de textos analisados foi menor. 54,16% utilizaram a reformulação em suas produções, em contraposição

com os 45,23% dos iniciantes, indicando um avanço dos concluintes, ao deixarem transparecer sua voz nos textos.

Foi constatado somente um caso de distorção temática e alteração da informação veiculada no artigo científico, situação essa em que o mesmo participante aproveitou apenas um tópico do texto – que abordava o uso de tecnologia na sala de aula – e concluiu sua leitura a partir desse tópico, desconsiderando o objetivo das autoras com sua pesquisa: inter-relacionar Linguística com Teoria da Literatura. Esse sujeito ignorou a maior parte das informações do texto original.

Houve uma ligeira sobreposição nos números de introdução de elementos nas paráfrases de crônica (totalizando cerca de quatro textos no total de oito) em relação aos demais gêneros. Nesses textos, prevaleceu a reflexão dos alunos sobre o tema abordado e a introdução de detalhes referentes à história, provindos de suas próprias interpretações, porém sem alterar significativamente o texto original.

Não foram encontrados casos de delimitação.

Apenas dois casos de contraposição de argumentos foram identificados (um na paráfrase da crônica e um na paráfrase do artigo científico), provenientes de dois participantes distintos. Neles, os alunos expuseram suas opiniões de maneira a contribuir com o desenvolvimento da temática.

Não foi encontrado nenhum índice de composição em níveis mais altos.

As produções realizadas a partir da crônica foram as únicas a apresentar incidência de generalizações (apenas dois casos), em que os participantes trataram do assunto em questão de maneira a incluir “todos”, sem atentar especificamente para os personagens do texto original.

Quanto à subcategoria de problematização, ao menos um caso foi observado em todos os gêneros textuais, não passando de duas incidências, nos gêneros - crônica jornalística e texto literário. Nessas paráfrases, os sujeitos criaram questionamentos referentes ao tema abordado pelos originais, discutindo e analisando as opções para cada um, ou simplesmente abandonando o pensamento incompleto.

Apenas três sujeitos fizeram reestruturações, todas elas em textos do gênero artigo científico. Em suas produções parafrásticas foi alterada a estrutura de alguns enunciados, tática esta utilizada na tentativa de mascarar a prática de cópia do conteúdo.

Vinte e três (do total de vinte e quatro) produções dos acadêmicos concluintes do curso apresentaram pertinência temática concernente ao gênero textual considerado, com exceção de uma paráfrase feita a partir do artigo científico. Nesta o sujeito, talvez por má interpretação ou falta de leitura completa do artigo, distorceu a temática trabalhada e não acompanhou o raciocínio completo feito pelas autoras.

Na turma de alunos concluintes, o mundo narrado esteve presente nos gêneros crônica e literário praticamente com a mesma frequência (em sete e seis textos, respectivamente) – manifestando um ligeiro afastamento dos protagonistas textuais. Em contrapartida, o mundo comentado foi encontrado em maior número em paráfrases do artigo científico (seis textos, contra dois, na crônica, e dois, no gênero literário), condizente com o tempo verbal empregado no original.

Por fim, resta acrescentar que os alunos concluintes recorreram quase sempre, em suas paráfrases, à heterogeneidade constitutiva (citação indireta) nos textos literários (sete entre oito textos), apenas duas vezes no artigo científico, e um na crônica. Somente um aluno realizou citação direta – incluindo até o número da página da qual o trecho foi extraído –, sendo esta feita no artigo científico. Não foi registrado nenhum caso de intertextualidade; por outro lado, sete dos oito alunos usaram aspas para enfatizar frases ou palavras presentes no original do texto literário, três no artigo científico e três na crônica.

## **5 CONCLUSÃO**

Conforme o grande número de dados coletados e analisados, foi possível perceber o avanço dos acadêmicos do curso de Letras ao longo dos semestres de estudo. Ao ingressarem na universidade e serem confrontados com o pedido da realização de uma paráfrase, muitos dos estudantes não sabem nem por onde começar o trabalho. Porém, através de diversas atividades envolvendo o parafrasear, aos poucos a evolução se faz notar.

A constante prática da produção de paráfrases leva os estudantes a exercitarem suas capacidades de reconto, a expandirem seu vocabulário e a obterem cada vez maior autonomia das palavras dos autores, aprendendo a desenvolver ideias e a defender seus próprios pontos de vista com maior propriedade e confiança.

Não há como negar a reprodução do conhecimento ocorrida na maioria absoluta das paráfrases produzidas, nos três gêneros considerados. A surpresa decorreu da existência de

‘cópias’, no ensino superior. Exemplos de cópia ainda persistem mesmo entre alunos dos anos finais da licenciatura em Letras, se considerada a amostra do presente estudo.

Por outro lado, tudo indica que a experiência continuada com a escrita é que propicia uma atitude mais autônoma em relação à atividade de escrever. Essa conclusão decorreu da observação da evidente diminuição das cópias e reproduções mais óbvias dentre as produções dos alunos finalistas. A experiência de composição de paráfrases de diferentes gêneros textuais possibilita maior independência e viabiliza a escrita autoral.

E foi isto o que a presente pesquisa se propôs a provar, com êxito. Ao longo dos doze meses de leitura, produção textual, coletas de dados e análises, tornou-se evidente o progresso evidenciado nas produções textuais e o crescimento dos estudantes como futuros profissionais – através da melhoria da escrita e das capacidades de memória e de raciocínio.

Certamente não há receitas prontas sobre o que fazer e como fazê-lo para despertar o gosto pela escrita; o que há são indicações. Estas remetem ao exercício continuado da prática que, de fato, não é uma atividade fácil, raramente sendo prazerosa para as pessoas que não costumam escrever de modo frequente. Há que ressaltar, também, que a escrita requer análise psicolinguística minuciosa e atenção especial às diferenças individuais. A diversidade de desempenhos leva a questionamentos sobre o que faz com que algumas pessoas se sintam mais intimidadas do que outras, quando lhes solicitam que redijam.

Assim, se há alguma solução para o problema, na certa ela passa pela familiarização com a escrita de modo que ela se torne um recurso a mais, a fim de que a pessoa possa interagir com grupos que exigem esta habilidade comunicativa bem desenvolvida. Em suma, a escrita tem de se tornar uma atividade habitual para poder integrar sem estranhamentos a vida da pessoa.

## **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FUCHS, C. A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação? Trad. João Wanderley Geraldí. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 8, v. 8, p. 129-134, jan./jun. 1985.

KOCH, I. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Exercícios de compreensão ou cópia nos manuais de ensino da língua? *Em aberto*. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1039/941>. Acesso em: 14 jan. 2015.

SANT'ANNA, A. R. de. *Paródia, paráfrase e cia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

WEINRICH, H. *Estructura y función de los tempos em el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1968.